

**ELUCUBRAÇÕES LUNARES SOBRE MEIOS DE COMUNICAÇÃO
— AS EXTENSÕES E A QUESTÃO DA VONTADE INERENTE**

*MOONY LUCUBRATIONS ABOUT THE MEDIA — THE EXTENSIONS AND THE
QUESTION OF THE INHERENT WILL*

*ELUCCIONES LUNARES SOBRE MEDIOS DE COMUNICACIÓN — LAS
EXTENSIONES Y LA CUESTIÓN DE LA VOLUNTAD INHERENTE*

Cícero Mayk Oliveira¹

Universidade Federal de Alagoas —UFAL

Wellington Amancio da Silva²

Universidade Federal de Alagoas —UFAL

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Alagoas —UFAL-Campus Sertão. Especialista em Ensino de História (UCAM). mikeoliveira05@hotmail.com

² Mestre em Ecologia Humana (UNEB); Professor auxiliar na Universidade Federal de Alagoas —UFAL-Campus Sertão. wellington.silva@cedu.ufal.br

Resumo

Este texto livre, esboçado à duas mãos é o resultado de uma mesa redonda, no âmbito da reunião do GT Nietzsche e Indigênciação. É fruto de leituras e discussões livres, acerca de alguns pontos de Marshall McLuhan e de Michel Foucault, sem utilizá-los sempre como esteio da discussão, no objetivo de compreender um pouco do contexto do ser social, no tempo presente e relativamente às interações midiáticas cotidianas. O presente texto fora desenvolvido utilizando-se da investigação bibliográfica e em discussão em grupo. Para o jogo livre da presente narrativa-análise, utilizamos da metodologia desenvolvida por Feliciano de Mira, a Epistemologia Metafórica.

Palavras-chave: Meio de Comunicação de Massa; Marshall McLuhan; Inerência da Vontade.

Abstract

This free text, sketched for two hands is the result of a roundtable, within the framework of the Nietzsche and Indigentation Reseach Group meeting. It is the result of readings and informative discussions about any points of Marshall McLuhan and Michel Foucault, without always using them as the mainstay of the discussion, in order to understand a little of the social context, with no rhythm present and particularly in everyday media interactions. The present text was developed using the bibliography and in-group discussion. For the free play narrative-analysis, we used the methodology developed by Feliciano de Mira, called Metaphorical Epistemology.

Keywords: Mass Communication Medium; Marshall McLuhan; Inertia of the Will.

Resumen

Este texto libre, esbozado a las dos manos es el resultado de una mesa redonda, en el marco de la reunión del GT Nietzsche e Indigencia. Es fruto de lecturas y discusiones libres, acerca de algunos puntos de Marshall McLuhan y de Michel Foucault, sin utilizarlos siempre como esteio de la discusión, en el objetivo de comprender un poco del contexto del ser social, en el tiempo presente y en relación a las interacciones mediáticas todos los días. El presente texto fue desarrollado utilizando la investigación bibliográfica y en discusión en grupo.. Para el juego libre de la presente narrativa-análisis, utilizamos la metodología desarrollada por Feliciano de Mira, la Epistemología Metafórica.

Palabras claves: Medio de comunicación de masa; Marshall McLuhan; Inherencia de la Voluntad.

1. Introdução

“As transformações da tecnologia têm o caráter da evolução orgânica porque todas as tecnologias são extensões do nosso ser físico” McLuhan, 1979.

Nossa pergunta de partida questiona se de fato os meios de comunicação modulam certos tipos de funcionamento no cerne do ser social. Uma hipótese plausível é aquela baseada na forma-sujeito foucaultiana, isto é, que num tempo histórico, em seu modo de produção econômica e científica (epistemológica), o *ser* torna-se o que é, passiva ou ativamente, de modo a operar-se dentro deste ou daquele sistema de mundo funcional. Antes, é preciso expressar aqui que se pode haver alguma diferença em “forma-sujeito” e “ser” é que este último é a essencialização sobretudo ontológica da forma-sujeito, seu “conteúdo” determinante. O ser da forma-sujeito é o que ele é na condição de sujeito histórico, porque os conceitos históricos de ente (os quais constituem a forma-sujeito) determinam o sentido de ser para os sujeitos históricos. O modo histórico de produção econômica e científica demanda adequações do espírito, isto é da forma de consciência operalizante e operalizada — e há níveis de demandas (no horizonte das formas de consciência), mais ao nível do sendo comum, também determinante do ser social, enquanto forma, e são justamente estes níveis que trataremos aqui. A “virada midiática” trouxe-nos o pós-humanismo, em que os dispositivos clássicos de *formação* dos sujeitos (o livro, a leitura e a escrita convencional, a escola, o discurso douto, as disciplinas, a Imprensa de Gutenberg, a Epistemologia majoritária e a formalidade do saber) vão dando lugar aos dispositivos modernos e contemporâneos de *formação* do sujeito (o rádio, a televisão, a Internet, as redes sociais, as plataformas virtuais de toda sorte, as epistemologias multifacetadas, de narrativas metafóricas). Esta mudança radical de dispositivos de *formação* dos sujeitos de deu sobretudo por causa de escolhas tácitas (talvez arbitrárias) por dimensões menos densas de conteúdo e finalidades e mais densas na qualidade de meio (método) e aparato. Em vista destas coisas, que sujeito temos, pois? Na tentativa de esboçar algumas respostas, buscamos nos inspirar no método de investigação bibliográfica, num primeiro momento, de discussão em grupo, num segundo momento e por fim num diálogo entre autores. Logo, este texto possui mais um caráter de ensaio do que de artigo. Por fim, cabe ressaltar que a gênese deste texto adveio da união de diversas anotações de trabalhos acadêmicos, nas condições de docentes e de discentes.

2. Os meios

Em grande medida, os meios organizam e depois exercem controle sobre a intensidade e a amplitude das ações e associações humanas, no âmbito de um público devidamente tratado para tal, em suas subjetividades. Ações estas que se originam no cerne da *vontade inerente* de cada ente social em vista de suas expectativas existenciais e sociais — tornam-se extensões do seu interior (lugar possivelmente habitado por toda sorte de coisas “não-autorais”, exteriores e intrusivas). Estas ações e associações humanas tornam-se cada vez mais, por assim dizer, subordinadas, e por causa disso, “abertas” (na condição de características intrínsecas estrategicamente desenvolvidas) às investidas, à vontade estratégica e ao modo de operar daqueles meios — em grande medida os meios criam e possibilitam certos modos ações, associações, vontades, bem como modos de pensar, visto que estes meios são constituídos de plataformas temáticas e conceituais a partir das quais seu público disponibiliza condições e possibilidades mais ou menos precisas de pensamento. Por causa disso, a *vontade inerente* é um horizonte em aberto, susceptível aos trânsitos e estadias de informações, conhecimentos e saberes, e perfeitamente apta à produção e reprodução destes, mas que muitas vezes não dispense a devida atenção aos sentidos e fins mais profundos relativamente a estas informações, conhecimentos e saberes — nas condições atualmente postas, no âmbito deste horizonte midiático, a *vontade inerente* não se volta satisfatoriamente para si reflexivamente, se não transcender da dimensão temática e tematizante destes meios de comunicação. O ente social segue, e cada vez tendo mais contato com essas extensões, as incorporamos novamente e profundamente, as transformamos numa nova sugestão, devolvendo as mesmas ao meio, sob a cifra de algum pequeno gesto autoral e acrescentando-lhes assim alguma subjetividade — todos esses gestos são decodificados na esfera das estatísticas; o ser social aperfeiçoa-se enquanto modelo ideal e atual na relação com esses meios e segundo certas diretrizes de ser e de estar socialmente investidas (DA SILVA, 2014, p. 74). Em outras palavras, observa-se a racionalização do ser social, segundo certos modos de funcionamento evidenciáveis. Mas, a característica principal da *vontade inerente*, deste ente social — que tem como coluna a ideia de subjetividade na qualidade de possibilidade e condição de protagonismo sobre o mundo social — é redefinida *Ad eternum* por essa mesma condição de “estar certo” da própria subjetividade como instância autoral e inerente a si. Tal subjetividade é sempre reconhecida como o ponto anterior à qualquer outra instância de relação com o outro e com o mundo exterior — outrora pensa-se que a subjetividade era a instância primeira do ser social para si, antes deste contato com o outro coletivo. Ainda sobre as “ações e associações humanas”, temos, portanto,

um “*ciclo*”³ que nunca cessa (porque mesmo sendo outro, tem ainda os aspectos transmutados para o “familiar”) e está intimamente ligado, pelo fio da contemporaneidade, do seu *zeitgeist*, ao ser humano, enquanto conceito pós-humanista⁴ vigente, enquanto forma-sujeito vigente, e isto enquanto não advier a *próxima estrutura*. E esta ligação “cíclica” confunde “a ideia essencial de ordem”, qual seja: num “ciclo” é impossível ao senso comum advir uma ordem: *início, sequência, disposição e fins*. Todavia, neste ciclo é antes de tudo reconhecida a subjetividade tal e qual o “ponto inicial” e “motor da relações”, e ainda, a “ordem primeira” de um movimento que se realiza na comunicação e no entendimento do comunicado, muito mais como *efeito* — neste “ciclo” simula-se a autonomia do subjetivo sobre as exterioridades e intrusividade dos meios, isto porque o “ciclo” tem uma *função veladora*. A subjetividade é cíclica, todavia, nunca fechada. Subjetividade é a dimensão do humano estruturada pela linguagem (a exemplo do *lógos* aristotélico) e decorre — comunicada ou intersubjetivada —, nas instâncias cognitivas dos entes a partir de conteúdos gerais que por familiaridade e interesse adotam para si na condição de sentido para si e para o mundo ao seu redor, bem como de dispositivo de significação de si, do outro e do mundo (DA SILVA, 2014, 2017, 2018). Assim, pensamos que a subjetividade é a matriz do sujeito em relação ao mundo da vida e dos outros, como *vontade inerente*. Aquele “ciclo” é o que a tangencia e a atravessa, e se estrutura em seu arcabouço; o “ciclo” é hoje a *conditio sine qua non* das possibilidades de trânsito de sentidos, significações, ações e associações possíveis, porque o ser social *opera em e é investido de tais possibilidades*. O “ciclo” é o aporte. A subjetividade está sempre desarmada.

Essa quantidade de informação se revela em outros aspectos do cotidiano, forjando nossa forma de vida, desejo e comportamento, dando norte para novas normas e formas de ser e de estar. Assim, a *mudança de ritmo* ou de padrão vai se tornando a mensagem do nosso meio, e a adequação é permanente e geralmente não percebida, mas a *mudança de ritmo* é, em grande medida, a *mudança de ritmo dos meios*. Muito embora, às vezes seguido da devida precaução de entender que nem tudo está ao nosso contento — já que o nosso ambiente existencial sofre alteração de muitas extensões — somos movidos por essa *vontade inerente* que nos leva geralmente e no final das contas a lugares antes conhecidos. Como transcender ao óbvio da existência em meio à a força normativa e padronizadora dos meios? Como sair do modo de vida “*Paranoid Android*” como o narrado pelo Radiohead? O *caráter essencial da vontade* do sujeito

³ “Ciclo” entre aspas para aludir ao seu caráter mais de simulacro do que de relação circular, de princípio meio e fim e do seu antigo caráter metafísico, outrora presente na Modernidade.

⁴ Isto é, posterior à hegemonia do livro enquanto mídia absoluta e fundadora do humanismo anterior a 1918 (primeira radiodifusão mundial) e 1954 (primeira teledifusão mundial).

contemporâneo se estabelece no caráter essencial dos meios, em sua provisoriedade e adequabilidade, segundo certas demandas (geralmente econômicas).

A *economia do ser* social é antes a matriz de todo o plano ideológico executável da *economia do ter*. É impossível querer ter sem antes saber-se como ente social interessado nestes elementos de desejo em suas condições de disponibilidade e aquisição. Isto quer dizer que a *economia do ser* — está “ordenação da casa subjetiva do humano” — precisam ser habitadas por vontades racionalizadas e direcionadas de ter isto ou aquilo, conforme demandas políticas e precisas de mercado. Atualmente, conferimos um ar de semelhança aos filmes, novelas, músicas e roupas (entre outras formas-objetos desta ou de outra cultura de massa), constituindo um sistema pré-estabelecido que pontua o nosso ser de identidades e vontades características. Numa plataforma política, para o sucesso de uma “*economia do ter*”, onde os interesses são sugeridos como verdade absoluta, é preciso apresentá-los como interesses para todos e de todos, isto é, como um bem em si, que, segundo a compreensão convencionalizada dos entes sociais, reconhece na qualidade de “interessante”, isto é, do “interesse para si”. O interesse de um grupo majoritário é rapidamente consolidado, por convenções midiáticas, como interesse de todos, quase que naturalmente — e os meios têm o poder de fazer naturalizar-se aquilo que era exterior no cerne dos sujeitos, isto é, fazer naturalizar-se à essência temporal, espacial e volitiva dos entes sociais; os meios são dispositivos de naturalização de elementos “externos” à subjetividade, isto é de elementos “novos” à subjetividade sempre atravessada por elementos, porque esta subjetividade é em si receptiva e essencializa-se pela própria vontade de receber o que é-lhe exterior (DA SILVA, 2018, p. 86-89). Entregando essa máxima de volta à sociedade, tornando-a homogeneizada e padronizada, os meios e as subjetividades se completam em seus *modus operandi*, fins e desejos — Não é arriscado afirmar que nesse jogo entre meios e subjetividades, relativamente aos seus *modus operandi*, fins e desejos, há uma investida pensada e arquitetada para que pensemos serem a mesma coisa, visto que, por meio desta investida, a subjetividade torna-se um dispositivo preciso de funcionamento dos meios.

. Um outro exemplo importante ao que dissemos: o clichê é realizado como necessidade da sociedade — e o clichê é o ponto mais alto na “planície argêntea” das interações sociais, é a consolidação deste encontro entre meios e subjetividade nos termos de representações sociais de sentido denso rarefeito e simplificador, o cinza frio tão distante do cinza vivo de Tatiana Blass. Num tipo de sistema em que mais claramente os produtores de conhecimento são desaforados ao ponto de chamar a verdade de negócio ou de indústria, a verdade tornou-se o mais raso clichê. Fazendo com o que era necessário, extensão e impressão, se justificam pela quantidade de verba empregada. Logo, a potência do alcance determina a profundidade e o tipo

de verdade. E é esta mesma verdade como clichê, isto é, que nos desobriga de pensa-la, que esteia certa convicção de harmoniosa naturalidade entre meios e subjetividades (DA SILVA, 2014, 2017).

É preciso reiterar que os meios de comunicação de massa são uma hipérbole do discurso coletivo e daquilo que se convencionou denominar de *o cerne temático da opinião pública*. Meios de comunicação não são apenas vias, esteios de ligação; possuem metodologias e conglomerações epistêmicas (porque não há um sem o outro). Estes meios, além de exercer poder de esteio sobre as relações sociais, ainda exercem um poder ideologizante de sentido e volição no âmbito do intersubjetivo, socialmente partilhado, isto é, das trocas de sentidos e representações no âmbito de uma subjetividade coletiva reestruturada pelos meios de comunicação de massa.

Uma ausência de valor atribuído à coisa e não ao conteúdo e a sua finalidade é uma *forma determinada alienação cultural*, no sentido de ausência de razão de ser da coisa, em função da sua presença como objeto de consumo. No sentido de justificação do modo histórico de produção econômica e científica, seu conteúdo “leve” e “abstraido”, é por isso susceptível a certas flutuações e, portanto, condicionado como um *valor intangível* num âmbito cultural. Seu conteúdo seu conteúdo “leve” e “abstraido” pode ser subestimado no horizonte de um consumo não reflexivo, isto é, *que pensa a si mesmo e ao que consome* determina em grande medida a forma de consciência e a forma-sujeito aplicadas a este modo histórico de produção e consumo (eis aqui já aquela forma determinada alienação cultural acima citada). O valor atribuído à coisa na condição de materialidade deste objeto ainda é necessário; já o seu conteúdo não implica determinante valor concreto, por assim dizer, mas, é justamente nesse jogo de não-valorização objetiva da concretude do objeto em face da sua “leveza e abstração”, e da conseqüente ausência de “padrão matemático” à valoração do conteúdo abstraido desse objeto que se tece um vão onde a subjetividade da potência do lucro e do logro como vontade particular de certos mercados abre um horizonte de novos modos de aplicação sobre as pessoas de mais-valor, reificação, pirataria, plágio, expropriação consciente de direitos autorais, resgate-subreptício de direitos.

3. A vontade inerente — “Interlúdio crítico”

Na verdade, naturalmente a *vontade inerente* está corrompida, isto, é, não é translúcida como antigamente, nem tem relação com a “ideia” de subjetividade, não faz mais parte da metáfora do *“My Cosmic Autumn Rebellion (“The Flaming Lips” — “They tell us autumn's a-*

comin'/ Soon everything around us will die/ Only a fool believes that he is/ Different from the birds in the sky”). Ninguém no mundo tem uma vontade pura, destilada, desconectada. A vontade é o que é pela necessidade de desconexão às outras vontades, às vontades coletivas, ou ainda, da reconexão a uma Vontade que endosse, avolume, constitua de sentidos esta vontade do sujeito. As circunstancialidades operam sobre e dentro da vontade. A *vontade inerente* não independe de tempo e espaço. Nenhuma vontade escapa da história:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. (MARX, 2011, p. 25).

Entre tantos outros, o ledo-engano é o ímpeto alvoroçado da *vontade inerente*. Quando se pensa a liberdade da vontade, falta-nos antes de tudo um rol completo de possibilidades de vontades. Na ausência dura de possibilidades — quando a criatividade e a experimentação “dadaísta” do ser estar falham — resta-nos o acervo frio do passado, a reprodução dos feitos exitosos dos mortos (e se são exitosos assim o são porque consolidou-se a firmar que são pela via discursiva dos vencedores da história):

A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado (MARX, 2011, p. 25).

Todavia o limite da vontade reside no sujeito: se o significado latino de sujeito (*subjectum*, “sujeito de”, sujeito à”) quer dizer “aquele que se assujeita a um regime aceitado direitos e deveres”. Em toda vontade reside um ímpeto cego de assujeição. A vontade de alguma coisa se dá apenas dentro desta orla crítica que constitui o *mundo* (no sentido de ordem). Se é vontade inerente, assim é por adoção consciente ou enceguedida, mas sempre por adoção, porque não se poderá nunca afirmar que a vontade nega-se a si mesma, se deseja o seu quinhão de inerência no espírito dos sujeitos. Mas, é o “objeto”, o *objectum* que objeta e incomoda sempre que exerce uma espécie de “sintonia fina” sobre a vontade. A inerência da vontade tem sua razão de ser na periferia dirá do objeto do desejo. A vontade inerente está acomodada na alma do sujeito devido a sua função desejante. Somos pessimistas? Não! Todo mundo sabe que uma vida como nunca outra dada só é possível fora da linguagem (DA SILVA, 2014, 2017). E que vida seria está? Se é possível dizê-la como palavras já estará em ao final corrompida pelos excessos de sentidos.

4. O pensamento crítico no discurso da mídia — Vlad Dracul comunicatio

Lógico que existe um pensamento crítico no discurso da mídia. É um pensamento intrínseco, de tal modo que por vezes advém já em pacotes prontos para o consumo. Até a crítica pode ser patenteada e vendidas em pacotes, cujo conteúdo em “pó instantâneo”, tem uma serventia cujo preparo interessa-se por direcionamentos — instituir uma dicção narrativa de mundo; tecer uma hermenêutica em que se possa racionalizar seu funcionamento; separar sujeito, tendências, discursos, representações e narrativas de mundo nos polos muito dicotômicos do conveniente e inconveniente (e isto, segundo forças sazonais de querer, atreladas no bojo da conjuntura do poder-de-enunciar e do poder de interditar o poder-de-enunciar). A “miojização” do “pensamento-do-contrário”, ou cristalização retumbante do pensamento-em-favor são questões que devem ser consideradas no âmbito daquela velha perspectiva de pender para um lado ou outro segundo a força das ondas. Um profetismo mundano que arremeda a cifra de um desejo interessado em devorar tudo, na verdade, à cata de algum logro, que com o tempo torne-se microscópico, migalhado, farofa. A crítica reside em todo lugar, porém assaz fracionada, e em qual direcionamento estará indo? Tal como num filme, há pacotes envolventes que têm a “nossa cara” e são da cor que você gosta, mas que talvez não tenha uma “cara marrom” ou uma miscigenação cabocla. Sem falar que vai passar no canal de TV que tem as músicas que gostamos e que todos gostam. “Há, vale dizer que no filme eu vi do *mesminho*” — disse um contemporâneo de todo mundo ainda vivo e “como os nossos pais”. Sim o filme que tem muitas mulheres quase nuas, quase! pois se não mostrarem não há um ímpeto telespectante e se mostrar demais, não tem a graça da Caixa de Pandora. Isso é um genuíno exercício crítico. Da crítica presa, nunca para além da orla da dicotomia — a crítica que pensa, respira e subsiste dentro da orla da dialética. O ator representa bem os meus interesses. Pula, corre feito louco, diz palavrão “pra caralho”. Pega a mocinha. Salta de aviões em fúria. Se ele ficar muito imprensado basta ter chiclete, cadarços e um boné! Pronto, mais uma bomba de “volta para o futuro”. A crítica que reivindica a crie para si, sem mais saber que esta havia adormecido no século 19, ou talvez antes apenas da Grande Guerra.

— Isso é uma representação de cenas que podem ser encontradas em praticamente qualquer filme. Representa pontos-chaves e clichês como recursos de comunicação — disse um estudante universitário e mui certo acerca do que disse.

— Forma de garantir sucesso?

— Não sei definir “sucesso...”, ainda bem”.

Não queira saber onde ouvir falar dessa aventura. Tenho até vergonha. Sim! Vergonha. Não é mais usual nesse meio. Vida afirmativa num ponto amortecido de microduratividades, tal qual nos falou Georges Sebbag. *Ora, estava escutando meus vinis, e sem querer liguei o rádio. Que doidera! Ele deixou algumas informações, mas a melhor foi sobre o programa de reality show. Ah! Esse sim tem o que dizer. E não aquela múmia da MPB que cantava coisas sobre “até quando esperar, sem me ajoelhar.” ou eu “não tenho medo do escuro, mas deixe as luzes acessas”. Quem vai se ajoelhar!? Só se for ao paredão. E ninguém vai ficar no escuro. Meu celular tem lanterna. Agora, tem um que diz que tudo era divino, tudo era maravilhoso. É bom ter, pois, com tanta água de represa e mato de espinho, posso me perder. Se vacilar já deve ter por aí uma ideia de interligar notebooks numa linha improvisada nos pregos do cansação. Ai então, rápido assim, calado assim, terei um mundo novo bem na palma da minha mão. Seria uma interface completa se eu não tivesse defeito de fabricação. Infelizmente eu penso.*

Há muito tempo vem se estabelecendo uma certeza acerca da liberdade do homem, que está representada com a chegada da modernidade. Essa condição tem definido como o ser humano é concebido, para onde vai, qual sua fonte, seus atos e fundamentos, seus limites. São denotações obtendo conotações difusas, uma vez que o sujeito já possui identidade definida, segundo os iluministas, projetada em relações sociais, que dizem: “sim, tu tens identidade! Creias! Já que esse eu individualista não era completo ou autossuficiente para viver nesse mundo ao qual “conhecemos”, de organização de leis e normas. Construímos uma ponte freudiana entre o interior e o exterior do eu. Somamos essas impressões e projetamos com verdade absoluta aos demais sujeitos da sociedade. Estabiliza o sujeito e o mundo cultural mutuamente. Eis que temos a impressão de chão duro e estático, mas abaixo deste há a Natureza sísmica, assim como a nossa *phýsis*.

Hoje, com tantas representações se constata uma quebra dessa linearidade. Uma fragmentação dessa estabilidade. A mesma estrutura que ajudou nesse processo de apaziguamento ou normalidade se tornou a principal a ponte do fluxo de uma reflexão, sim, de uma reflexão que pulula no corpo periférico do sujeito plástico. O poder adquirido se instaurou como pólvora dentro de uma fogueira eterna, esse der que é mais discurso, que é mais cênico e simbólico do que fogo. Mantém-se certa distância dessa chama, pois a mesma é recebida como néctar ou uma doce fera, porque o fogo das multidões do século passado foi-se transmutando na crise egocêntrica e romântica, tais quais “Os sofrimentos do jovem Werther”. Sujeitos se igualam a formas, coisas, nunca ao fogo, ou a fumaça amorfa, porque o sujeito é um “cubo” oco. As brechas são preenchidas. Então, mesmo após, continuamos nos sentindo fragmentados.

Nosso único meio de consulta está em quarentena. Existe somente um remédio capaz de amenizar os meus esfacelamentos. A crítica! Sim, a crítica, loquaz tal qual Antígone em busca de enterrar seus irmãos. O raciocínio é que nos previne dessa atual epidemia de interiorização do nosso “eu-padrão” que adquirimos por chancela e em prestações. Apesar dos pesares, a partir dela conseguimos nos manter vivo dentro do ringue, nos esgueirando, usando as cordas e quem sabe golpeando já que também somos filho da lógica e da razão, e isso porque todo ringue é “quadrado”, quase “cúbico”. *Quem bate esquece, quem apanha chora. Descubro qual sujeito eu sou dos dois. Ou se mais um deles. Eu, não-sou.*

5. O Homem ausente de si

O homem sem poder de escolha não pode ser considerado realmente homem, se é que ainda se valida a palavra “escolha”, mesmo a partir de qualquer menor parâmetro de análise de sentidos. O poder da decisão protegia nossos valores individuais nos quais reside toda lógica e estrutura social. No entanto, o homem ausente de si não é outra coisa senão autossugestão decisória. No homem, isto é, no horizonte da sua vontade inerente transita uma isomorfia debochada e de humor sardônico. As atuais mudanças tecnológicas sugerem que tenhamos uma rápida readaptação na organização cultural interna. Induzindo de tal maneira, que ficamos imbuídos, imersos dessa nova ordem. A responsabilidade é nossa, no entanto, apenas até onde esta responsabilidade pouco implicaria no jogo duro de interdição dos sentidos de responsabilidade. O homem é um ser para a responsabilidade, muito embora não se saiba estritamente que responsabilidade é essa. Todavia, essa imprecisão assegura a margem de sentido em que os sujeitos despejam em crise suas compressões de vontade. E a vontade é sempre a do *próprio*, ao modo mesmo de como se deu o *vae victis* do implacável Breno. E o homem ausente de si não é outra coisa senão ideia de vontade exercida e assumida.

O processo é instantâneo, complexo e deverá durar por bastante tempo, se espalhando velozmente através dos meios, originando uma nova mensagem e contornos. E a mensagem deve ser em si um dispositivo de efeito de excitação. Porém percebemos que a conjuntura tem suas exceções deixando uma única brecha para a real forma de sublimação social. Se por um lado temos com o meio a mensagem, hoje somente interessando seu efeito e não seu significado, até porque não procede estudar o todo pela ideia metafísica de totalidade. Por outro a insatisfação pessoal continua insaciada. Tanta Informação cooptante desemboca num desconforto. O espaço vazio requer preenchimentos, o que quer dizer: insaciedade exorbitante.

E o homem ausente de si não é outra coisa senão vão, recipiência (DA SILVA, 2018, p. 95-97). Ausente de si não é outra coisa senão *contêiner*.

A medida dessa necessidade pode ser calculada quando se percebe que aquilo que é ofertado insistentemente não é o que completa, porque o seu excesso não é apenas uma dimensão da falta, embora sua “excedência” não possibilite significação. Por exemplo, o rádio e a TV transmitem apresentações de artistas musicais de estilos específicos, sublinhando que a estes é que se devem atentar, e são os melhores, ou que estão em maior evidência por serem de qualidade elevada, segundo um parâmetro que é anterior a qualquer coisa susceptível de compreensão razoável. Mas essa sugestão sempre causa estranheza pelo fato do não preenchimento ideal por parte do receptor. E aqui não se fala de “saciedade de espírito”, de “provimento razoável do ser”, mas de aglomeramento caótico do *mais-do-mesmo*. Ele não depositou sua impressão básica, e nesse ponto quebra a mensagem. A mensagem caminha mais rápida, porém incompleta. Para se torna absoluta seria necessário que todas as impressões fossem atendidas. Obrigatoriamente teriam que transformar os entes sociais em *homo-antenna*, homem-parabólicos, se assim eles quiserem decidir.

Sem contar que o próprio padrão se contradiz ou se utiliza dele mesmo (no sentido de autocombustão) para se manter. À medida que um meio quente se impõe ao extremo, o efeito é a saturação, e a saturação não poderia ser outra coisa senão a superaclomeração do mesmo, com efeito, a mesmidade elevada a quinta potência do fartum, “atuhlado” e “estufado”. Ao passo que a música toca exaustivamente, a análise de seu conteúdo é rapidamente iniciada e repudiada.

Neste passo, o que realmente pode se fazer em relação ao que nos é sugerido, ofertado, imposto ou sublinhado é a crítica, e é o que temos, mesmo que a crítica atualmente tenha adquirido aquele aspecto salvacionista. Somente ela pode garantir que escolhas e sugestões sejam efetivamente necessárias as minhas necessidades. Mas somente é possível fazer crítica dentro de casa, e não nas esquinas das ausências hermenêuticas. Afinal quem melhor que eu para saber o que é essencial a minha vida? Tem: o meu eu que nunca fora! Mas o vigiar dessa nova sociedade não se baseia na espera das sugestões, mas sim na busca pessoal de cada sujeito antes de qualquer meio de influência. Não deixar que me mudem sem meu consentimento, ou que me usem como bem entender para suas experiências econômicas, sociais, políticas é nosso dever. E o *homem ausente de si* não é outra coisa senão uma cifra, tal qual em “*Dry The Rain*”⁵.

⁵ The Beta Band: “*This is the definition of my life/Lying in bed in the sunlight/Choking on the vitamin tablet/The doctor gave in the hope of saving me In the hope of saving me*”.

O método para solução da equação está na reforma íntima de cada pessoa, na formulação de normas e necessidades. No rumo dos meus objetivos distribuir equilibradamente desejos e respeito. Não achar que uma música ou filme resolverá meus problemas, ou que um representante político ou espiritual, se transforme em solução. Decerto que todos os exemplos nos ensinam, bons ou ruins. Mas eficiente mesmo é o método de reação da crítica. Reação sim, pois só teoria nada vale sem complemento. E sem padrão para escolher nos tornaríamos zumbis. Assista e escute, porém, perceba se querem plantar a casca ou a semente na sua cabeça. Uma dessas atividades podem significar lavagem cerebral, a suas ordens para subordinação, ou entendimento e percepção da mensagem. O homem ausente de si não é outra coisa senão uma supercapacidade de sorver todas as informações e ao mesmo tempo, sem jamais retirar delas alguma coisa. Fazendo uma avaliação periódica você corre risco de se enquadrar noutro processo desse meio, o louco, insensato ou pandego. Mais um instrumento para te capturar, encaixando sua lucidez na nomenclatura do anticonvencional. A força do *quê* é poderosa! Quem escapa de quê? E o homem ausente de si não passa de um tropo tautológico. Há de se cuidar para não soar eternamente em baixo contínuo rococó.

6. Considerações improváveis

Estamos indo rumo ao um novo e uniforme aspecto de sociedade. Indo, mas sem nos distanciarmos muito das antigas regras. Com certeza mais energizada pelo entendimento de tantas outras culturas. Finalmente compreendemos a base e aos poucos retornamos a ela para garantir as próximas estruturas.

O *sistema de mundo e seu fundo funcional* são especulares — quando um olha nos olhos o outro o encara como quem flerta, e a mirada nos olhos é de tamanha força e grandeza de familiaridade que faz precipita-se ao rés do chão qualquer estranhamento. E é justamente fazer calar o estranhamento a razão de ser deste *sistema de mundo*. E, se há um *onde*, logo em que lugar o estranhamento é silenciado? No *fundo* “onde” sua funcionalidade é anulada — a funcionalidade deste fundo tem o aspecto negativo de uma sombra, logo, o estranhamento, (cuja função é o Alerta cuja linguagem não racionalizou, ainda) sufoca-se no Opaco deste *no sense*. Seu *fundo* funcional nada mais é do que o horizonte onde caminham plácidas as subjetividades ocidentais. A permanência do *sistema de mundo e seu fundo funcional* é tão-somente sustentada pela simulação da sua permanência. E aí, o falso é o familiar, porque num contingente homogêneo de almas igualificadas, o estranhamento nasce do Original, do Diferente (ambos dois rompantes metafísicos almejados até meados do século vinte, sobretudo até antes de 1950).

O fundo funcional perdura pela força de atração do efêmero sobre os sujeitos, e esta força é reconhecida como força pela urgência neurótica da vontade de permanência sobre o que naturalmente passa sem deixar todo o gozo necessário e estampado no vão sensorial desta alma aflita de aflições imprecisão e maiormente inexistentes, o sujeito contemporâneo —o jogo aflitivo do passageiro como o desejante decorre pela supervalorização discursiva (por vezes midiática) de um objeto essencialmente nulo, porém superssignificado. Se a forma-sujeito foucaultiana é a tipificação do *ser e estar do sujeito* em espaço e tempo determinados, as subjetividades fornecem os trânsitos de atualização desta ontologia ancorada em tempo e espaço, apesar de toda a sua fluidez e volatilidade. No arcabouço dos sujeitos, as possibilidades de subjetividade são o simulacro de uma inerência e de uma apropriação tácita e lúcida de sentidos de si e de mundo, todavia, a função onto-significante da linguagem é por demais anterior a toda potência autoconsciente de senso de apropriação acreditada pelos sujeitos (DA SILVA, 2017, p. 505-512). E é aí em que reside o perigo: a linguagem diz às multidões antes que seja refletiva, todavia, quem sabe se as multidões ainda mobilizam suas forças vitais à reflexão?

Operalizar-se dentro do sistema é antes reconhecer sua falta. Reconhecer sua limitação. O caos é pouco sintomático e vem da forma que vem, *hic et nunc*. Se por exemplo a palavra “vida” no dicionário Houaiss significa precisamente: “modo de viver”, “existência”, “conjunto de hábitos”, e mais extensivamente “propriedade que caracteriza os organismos cuja existência evolui do nascimento até a morte”, “período de um ser vivo compreendido entre o nascimento e a morte”, no “entendimento” das massas pode significar qualquer outra coisa, inclusive o seu contrário (sic) — e dizemos isso pensando o contemporâneo. Esta confusão de sentidos diz respeito à crise do humanismo, hoje indiferenciado, por assim dizer. Mas, não um humanismo como uma *questão* heideggeriana (2002) ou humanismo na condição de *falência*, segundo Fukuyama (1992), mas de *desimportância*. Mesmo que segundo Lévy (2014, p 82) a diversificação das vias midiáticas e o fim da hegemonia do livro como mídia humanista, (como transporte e trânsito da verdade e do saber), há de reconhecer a atual confusão hermenêutica de mundo, mesmo que hoje as massas descartem as interpretações em troca dos efeitos de hiperbolização dos sentidos em “excitação pinacular”, em detrimento dos conceitos de mundo.

Quais as próximas estruturas? A “precisão nostradâmica” diz que o *vacuum* será o modelo de mundo para o *homo-digitalis*. Assim como a partir do Big Bang o universo se afasta de si ao infinito, pensamos que os sujeitos da aglomeração de mundo (e a aglomeração é um sinal dos final dos tempos cronológicos) tenderão a se afastarem essencialmente uns dos outros estruturando hiatos, ínterins e imensidões lacunares em que as pontes, como liames do ser, serão

conexões muito provisórias de sentidos, porque neste estágio de afastamento ontológico, o senso estará à disposição das irracionalidades do Volátil. Estas irracionalidades demarcarão o ponto em que às cegas, a linguagem aforar-se-á num jogo infinito e caótico e indexial de polissemias. As estruturas poderão se tornar desenhos sob a força da aguarrás do gozo surdo e sego, porque sempre será o que sempre fora: o ponto tosco da besta que apenas sente a carne, e não sabe ler — e lhe faltará textos para destruir, assim como as grandes fogueiras do fascismo.

Neste passo, o que nos resta fazer diante de um sistema que configura ciências, que distorcem os meios para seu benefício, é encetar uma batalha crítica. Aprender a classificar e separar o que é produto do que é necessidade. O fundamental do efêmero. O sincero da ilusão. Sabidamente é a única ferramenta capaz de desmascarar todos os sofismas e invalidades e floreios ilusórios. A crítica arranca essas ilusões fazendo se avivar a verdade de alguma coisa, mas a beleza de seus aglomerados de trações é a virtude do nosso tempo: a vontade de encarar a tessitura caótica das vontades. A crítica nos emaranhados autoconscientes como se uma lousa negra caísse nas mãos de Cy Twombly.

7. Referências

DA SILVA, Wellington Amancio. Hans Ulrich Gumbrecht Reader of Martin Heidegger: conception of presence production. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 505-522, Sept./Dec. 2017.

_____. Aspectos da existência situada em Heidegger. **Revista Logos & Existência** (Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial), v. 3, n. 1, p. 73-78, 2014.

_____. A transição da coisa ao objeto denominado. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, v. 1, n. 17, p. 84-98. dez. 2017.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Editora Imago, 1997.

FUKUYAMA, F. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

HEIDEGGER, Martin, “Lettre sur l’humanisme (Lettre à Jean Beaufret)”, in **Questions III et IV**, Paris, Gallimard, 2002.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência- O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 2004.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Editora Cultrix, 1979.

MIRA, Feliciano de. **Ao Correr do Olhar — Contributos para uma epistemologia metafórica.** Edições Subjectivas, Oficina do Espírito, Arraiolos: Portugal, 2013.